

APRESENTAÇÃO

Sexualidades dissidentes e violências de gênero e na literatura

Jocelaine Oliveira dos Santos¹
Manuela Rodrigues Santos²
Christina Bielinski Ramalho³

O Conselho Editorial da Interdisciplinar: Revista de Estudos de Língua e Literatura traz a público o volume 42, número 1, referente ao período de jul-dez de 2024. Ele é composto pelo **Dossiê: Sexualidades dissidentes e violências de gênero e na literatura** e pela **Seção Livre**. O Dossiê destaca o debate em torno das diferentes formas de violências e sexualidades contra mulheres, gays, lésbicas, homens e mulheres trans, representadas em textos literários. Os trabalhos aqui reunidos ilustram as inúmeras possibilidades temáticas trazidas pela literatura na proposição de fissuras ao pensamento e ao sistema cisheteropatriarcal compulsório que marcam a formação do cânone literário, sobretudo quando pensamos em narrativas sobre gênero e sexualidades. Na **Seção Livre**, os debates em torno dos estudos de gênero abrem espaço para abordagens estéticas sobre a criação poética de autoria feminina e sobre as diferentes perspectivas para a criação literária a partir da violência contra a mulher.

Em uma perspectiva interdisciplinar, no Dossiê, os textos reunidos trazem a crítica literária feminista como nuclear em seus inúmeros rizomas para dialogar, em constante estado de tensionamento, com a produção de autoras e autores que, de algum modo, debruçaram-se sobre a representação das sexualidades, sejam elas dissidentes ou não. Ao passar de objetos a sujeitos de sua própria representação, as subjetividades subalternizadas apropriam-se da escrita como potência que ao articular corpo, voz e fazer literário tensionam a ordem naturalizada do sistema mundo moderno-colonial cisheteropatriarcal por meio da literatura que não só faz descortinar realidades, mas também faz refletir, questionar, engendrar mundos outros possíveis.

¹ Professora de Língua Portuguesa e suas Respectivas Literaturas do Instituto Federal de Sergipe, Campus São Cristóvão. Doutora em Ciências Sociais e Mestre em Letras. E-mail: jocelaine.santos@ifs.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8457-0382>.

² Professora de Língua Portuguesa e suas Respectivas Literaturas do Instituto Federal de Sergipe, Campus São Cristóvão. E-mail: manuela.rodrigues@ifs.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1867-8293>.

³ Professora do Departamento de Letras e do Profletras, campus Itabaiana, da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: ramalhocris@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8298-698X>.



Em comum, Dossiê e Seção Livre reúnem trabalhos que ressaltam a crítica literária feminista que se volta para pensar a literatura de autoria feminina e seus processos estéticos atravessados pelas violências, pelas alegrias e tristezas de se habitar o feminino em uma sociedade ainda fortemente marcada pela misoginia; além da tendência de se recuperar escritoras que foram silenciadas ao longo do tempo; quanto a contribuição dos estudos queer para se pensar as sexualidades e como isso promove o surgimento de uma escrita que nasce destas corporalidades e de seu modo de ser e estar no mundo. A literatura, portanto, emerge como uma forma outra de tornar a vida habitável, enquanto a escrita nos ajuda a existir e a resistir.

Abrindo o **Dossiê**, que congrega convergências dos estudos das sexualidades, em “A solidão da lésbica juvenil em *A traças*, de Cassandra Rios”, **Maria da Glória de Castro Azevedo** propõe uma análise crítica acerca da temática lésbica nos estudos literários, apontando como tais debates podem arranhar o pensamento cishétero compulsório, constituindo importantes ferramentas de deslocamento para a crítica. Ainda na esteira da representação das sexualidades na literatura, sobretudo as LGBTQIAPN+, o texto de **Yasmine Sthéfane Louro da Silva** e **Margareth Torres de Alencar Costa** “Representações de homoafetividade **não-correspondida no Século XX**” busca as obras *O Jovem Törless* (1906), de Robert Musil, *Demian* (1919), de Herman Hesse e *Retorno a Brideshead* (1945), de Evelyn Waugh para discutir o desejo homoerótico não consumado e o conservadorismo em importantes obras da tradição literária mundial, principalmente nas que se debruçam sobre as subjetividades masculinas.

Ampliando ainda mais as discussões sobre estudos de gênero deste dossiê, o texto da pesquisadora **Manuela Rodrigues Santos**, “*Neca*: a resistência pelo deboche e pela opacidade” traz uma abordagem, a partir da Literatura Transvestigênera e dos escritos de Amara Moira, sobre a poética da opacidade ao interseccionar o deboche e o pajubá como elementos centrais da transescrita. Para a autora, evidenciar o caráter literário de *Neca*, por meio de sua poeticidade, musicalidade e sentidos é também revelar a literatura como instrumento de guerra para além da representação das violências cisheteropatriarcais, constituindo a literatura como uma espécie de contra-dispositivo catártico-político. Na esteira da sátira e do deboche como armas, o texto “A subversão da identidade na obra de Hilda Hilst”, de **Ana Elisa Volpato Ortolano** busca colocar em diálogo a teorização do sexual, da sexualidade e do político na teoria queer e na psicanálise com a obra de Hilda Hilst. A partir de análise sobre a poética degenerada, a autora nos incita a pensar pela chave política da subversão do “homem-poder” que faz poesia, mesmo em prosa, com os restos deste mundo catastrófico.



Os textos seguintes confluem ao trazer para o centro do debate a representação das violências de gênero e seus modos de alargamento e contorno pela via da literatura. Em “A escrita como superação da violência contra as mulheres”, **Gabriela Fonseca Tofanelo** parte de 3 obras: *Um deus dentro dele, um diabo dentro de mim* (2003), de Nilza Rezende; *Eu me possuo* (2016), de Stella Florence e *Mulheres Empilhadas* (2019), de Patrícia Melo que juntas apontam para a subversão do silêncio e insistente denúncia como elementos da ficção de autoria feminina ao romperem com mecanismos reiterados de violência sobre o corpo das mulheres. Da mesma forma, ao apontar para a construção das relações de gênero na sociedade colonial brasileira do século XVIII, a contribuição de **Dinameire Oliveira Carneiro Rios** com o texto “Por louca e desobediente”: representações femininas em *Carta à rainha louca*, de Maria Valéria Rezende” descortina as mazelas que caracterizam a vida da mulher dentro da sociedade colonial patriarcal e que estão na base da formação social do País. Ao chamar a atenção para dois adjetivos comumente usados para desqualificar as mulheres, o trabalho permite cartografar o destino daquelas que ousavam enfrentar a cartilha social patriarcal.

Por fim, seguindo reflexões sobre a violência de gênero, em “Da língua misógina do estupro ao corpo-resistência na literatura brasileira”, **Carlos Magno Gomes** questiona a representação do corpo feminino como uma extensão da territorialidade masculina em casos de violência sexual. O pesquisador reforça que a literatura de Sheila Smanioto, Stella Florence e Tatiana Salem Levy descrevem personagens que passam por diferentes etapas do trauma, que vão do corpo assediado/estuprado para a superação com o corpo regenerado/liberado, marcas do corpo-resistência: a escrita que grita por uma cultura do antiestupro.

Na **Seção Livre**, damos destaque à forma como a autoria feminina tem abordado diferentes perspectivas da criação literária a partir do lugar de fala da mulher. No que se refere à produção poética de autoria feminina, destacamos o artigo de **Adriana de Fátima Alexandrino Lima Barbosa**, “Clarice Lispector na obra de Conceição Evaristo”, que propõe, por meio de uma abordagem inovadora, um olhar sobre a interlocução que Evaristo estabelece com outros textos da tradição literária para construir uma poesia que recupera, desafia e interpela as lutas contra as várias formas de violência que atravessam as corporalidades de Pigmeia, Edmeia e Macabéa, pensadas a partir da experiência de ser mulher em uma país em que as opressões vão uma a uma se inscrevendo na experiência de ser mulher.

É também a partir de textos poéticos que **Karla Renata Mendes** irá construir reflexões em seu “Poesia feminina modernista: resgate e inclusão



da obra de Julieta Barbara”. Incitando o necessário tensionamento, alargamento e questionamento do cânone literário que, sobretudo nos idos do século XX, apagou sistematicamente nomes femininos relegados à condição coadjuvante da produção literária do modernismo, a autora propõe que nomes como o de Julieta Bárbara sejam revisitados, reinserindo-os na história e possibilitando uma reescrita de nossa tradição cultural e literária.

Na continuidade, o texto de **Letícia Romariz**, “Corpo feminino e a comida: entrelaçamentos e resistência através de imagens frutíferas”, propõe uma análise ecofeminista sobre as associações do corpo feminino com a comida, especificamente as frutas. Por meio da análise e comparação dos poemas “Invitation”, de Grace Nichols, e “The art of growing”, de Rupi Kaur, ela propõe uma distensão do campo da comida para além de seu caráter alimentício para apontar como as frutas são usadas para produzir imagens capazes de ressignificar a sexualização e inferiorização do corpo feminino na sociedade ocidental.

Propondo uma reflexão decolonial da literatura de autoria feminina, em “Cosmopoéticas amefricanas: *o poço das marianas* de Eliane Marques”, **Alan Alves-Brito** traz a público interpretações inovadoras sobre a poesia afro-brasileira da gaúcha Eliane Marques, destacando a perspectiva da amefricanidade, proposta Lélia Gonzalez, como uma reflexão política para revisão da história dos afrodescendentes nas Américas. O autor explora também o conceito de “pretagogia”, de Sandra Petit, para trilhar pelas fronteiras líricas da escritora estudada com o intuito de fomentar a discussão acerca de uma educação antirracista.

Pela qualidade dos artigos que compõem o **Dossiê** e **Seção Livre**, agradecemos às autoras pela gentileza de compartilharem pesquisas tão urgentes e necessárias para ressaltarmos o respeito às identidades sexuais em seus diferentes contextos e deixar nosso protesto contra a relativização da violência contra a mulher. Por fim, desejamos aos/às leitores/as boas reflexões acerca das temáticas reunidas neste volume.

São Cristóvão, outubro de 2024.

